

REVISTA ADVENTISTA

n.º 46

«Até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

(S. Paulo, aos Efésios 4:13)

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

DIRECTOR:

A. DIAS GOMES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

TELEFONE 4 2169 LISBOA

PREÇOS:

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00

Assinatura anual 7\$50 10\$00

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES

32, Rua das Picoas, 34 LISBOA

MAIO-JUNHO DE 1948

Os Estados Unidos da América do Norte na Profecia

W. R. BEACH é um americano 100%, amigo do seu país que não trocaria por nenhum outro. Escreveu um livro, traduzido em português, «Crepúsculo ou Aurora?». No capítulo VI desse livro, sob o título «Século Americano à vista?», expõe a sua interpretação do capítulo XIII do Apocalipse, sobre a «besta que subiu da Terra». Consoante outro americano U. Smith, autor do «Apocalipse» traduzido em português, afirma que essa «besta que sobe da Terra» será os Estados Unidos. Porquê?

- 1.º — Porque os Estados Unidos surgiram na arena política na hora prevista na profecia.
- 2.º — Porque surgiram por intervenção da Providência.
- 3.º — Porque iniciaram a sua existência com a liberdade de consciência, símbolo do cordeiro em política.
- 4.º — Porque presentemente é o país mais rico — possui todo o ouro do mundo — mais armado em todo o mundo.
- 5.º — Porque não se apresenta a querer dominar o mundo num império universal mas tende a organizar um império espiritual, com o fim de acabar com a desgraça na Terra.
- 6.º — Porque deseja a interferência cristã na política internacional.

Em resumo, destes dois tratadistas americanos, ambos bons patriotas, tiram-se as seguintes conclusões:

Os Estados Unidos, desejosos de acabar com as lutas no mundo, colocarão toda a sua riqueza e força ao serviço da união forçada de credos e países. A união dos povos exige a união de todas as Igrejas, a começar pelas cristãs. Pois obriguem-se os cristãos a crer todos no mesmo credo. Obriguem-se todos a meter-se na política internacional.

Uma coisa é certa: o dinheiro e a força fazem mal a muitas cabeças. Os Estados Unidos podem, de facto, ser uma «besta» apocalíptica e que «grande besta»! Nós ficamos apenas na expectativa. A ver vamos.

As lições da Escola Sabatina

Ser director, secretário ou monitor da Escola Sabatina, constitui uma maçada para os Irmãos que assumem essas responsabilidades e devemos fazer todo o possível por ajudá-los a levar a sua cruz. As sugestões que a seguir damos só têm em vista um melhor rendimento do seu trabalho.

A Recapitulação tem tudo a ganhar em não ser um simples discurso da pessoa encarregada de a fazer. Em vez de um discurso ou até de uma exposição erudita, é muito mais proveitosa se quiserem limitá-la a meia dúzia de perguntas bem claras, bem audíveis, simples como água cristalina, mas... que os membros respondam a elas, se interessarem pelo que se está a dizer, se precipitem a responder ao mesmo tempo. Já repararam que, na quase totalidade, ninguém presta atenção ao discurso da pessoa encarregue da recapitulação? O melhor seria fazer perguntas simples, claras e aguardar a resposta, insistir em receber uma resposta. Não é necessário preencher todo o tempo da recapitulação. Caso a escola responda bem e rapidamente à meia dúzia de perguntas feitas, dêmos a recapitulação por terminada e até com algumas palavras elogiosas à escola pela atenção e inteligência manifestada.

A Lição precisa justamente do mesmo. Será bem insistir na leitura dos textos fundamentais. Por vezes, com toda a facilidade, fazemos uma lição sem que seja lida uma passagem da classe. Por vezes, raciocinamos dizendo que a lição já deve vir sabida de casa. Cantigas! Esse verbo «dever» não tem aplicação em coisa nenhuma da Igreja. Na Igreja não há deveres; há «devoções». O membro da escola fez um grande acto de devoção comparecendo à lição. O monitor é que tem o dever de aproveitar esse acto para o benefício do seu Irmão assistente.

Os pequeninos e jovens necessitam de receber cuidados especialíssimos. O que houver de melhores talentos pedagógicos dentro da Igreja e de maior ternura é o que deve ser indicado para tão delicado serviço. Não é o versículo nem o hinozinho o que mais importa na Escola Sabatina dos pequenos. É a lição do dia. Os pequenos que andam na escola já têm muito que meter de cor na cabeça! O que importa é a lição do dia, a maneira como foi dada, o que de positivo ficaria na mente e no coração do pequenino ouvinte. Aqueles quadros coloridos, que belo instrumento de ensino quando os fazemos falar!

O Boletim Trimestral, que belo instrumento de cultura e de informação quando manejado por quem saiba! Geralmente é uma estopada que a assistência à Escola Sabatina aguenta com muita devoção e olhos postos em Jesus. Nas salas amplas, os que não estão nas primeiras fileiras não ouviram nem palavra. Os que ouviram... não perceberam, não ficaram a saber de que se trata. Os que ouviram e perceberam verificaram que, em geral, os nomes foram mal pronunciados. Como fazer?

Escolham um Irmão ou Irmã de voz sonora, audível e que se dê à maçada de apanhar do boletim duas coisas importantes:

- a) Conhecimentos geográficos. Tais conhecimentos podem e devem ser ampliados por essa pessoa quando ache útil. O Boletim passaria a ser uma pequena lição de geografia deste vasto mundo que temos de evangelizar. Tenham o mapa-múndi na Igreja e apontem o país, as terras, os rios das nações indicadas;
- b) Conhecimento da nossa obra nesses lugares e das suas necessidades.

Muito se tem feito e sabemos que muito mais se fará neste departamento. Os conselhos aqui ficam e pelo preço não devem ser caros. Não obrigam ninguém.

Como se fazem as colectas na sua Igreja?

A colecta faz parte integrante do culto de toda a Igreja Cristã. Assim como em Israel não havia culto sem o sacrificio de animais, assim na Igreja Cristã não pode haver culto sem colecta. Não importa a quantia recebida. Importa muito mais a maneira como a Igreja a recebe.

É indecoroso do culto cristão não estar tudo a postos no momento da colecta, os sacos ou bandejas preparados em cima da respectiva mesa, os diáconos ou diaconizas previamente indicados e também a postos.

Temos visto algumas igrejas adventistas no acto de levantar a colecta. Vamos descrever o processo que se nos afigura mais solene:

1 — Os sacos estão em cima da mesa da Escola Sabatina e os diáconos tomam o seu lugar em assentos em frente.

2 — Quando o ministro anuncia que chegou o momento de fazer a colecta, os diáconos ou diaconizas levantam-se e pegam nos sacos ou bandejas. Em geral, o ministro deve aludir à colecta, indicar o fim a que se destina e ter umas palavras amáveis de encorajamento a todos.

3 — Em geral canta-se um hino ao Senhor. Os diáconos ou diaconizas sobem à tribuna em primeiro lugar e tiram a colecta. Pede-se seriedade e solenidade no andar.

4 — Depois descem da tribuna e continuam a tirar a colecta no auditório, sempre com seriedade e solenidade. Chegam ao fim da sala e aguardam que o hino termine.

5 — Encaminham-se então para a tribuna e depositam respeitosamente a colecta perante o ministro encarregado de pedir a bênção de Deus e ofertar-Lhe a mesma.

É pequena a assistência? A colecta são uns míseros tostões? Isso não importa nem justifica maneiras menos solenes e decentes de fazer o serviço no culto público.

R E S U M O

da Conferência feita pelo Dr. J. Nunes Branco,
na noite de 6 de Março p. p., na inauguração
do Templo do Porto

O conferente principiou por afirmar que nunca poderemos encontrar apenas uma única explicação de um efeito complexo. Qualquer explicação deste género será, necessariamente, defeituosa, pois há sempre uma subordinação de causas para a realização de um efeito.

É isto que se passa — acrescentou — nomeadamente, no domínio dos acontecimentos sociais, dos factos históricos.

Recordou que de balde se procuraria explicar, por exemplo, a autonomia de Portugal, por um único factor; o mesmo se diga, se se considerarem os Descobrimentos, que foram, evidentemente, a resultante de muitos e variados factores.

Dado, pois, que um efeito complexo requer toda uma série de causas e, de várias ordens, fácil é demonstrar que o movimento da Reforma — tão complexo e tão variado — brotou de muitos e vários antecedentes, de múltiplos factores, já concorrentes, já divergentes, para a produção desse mesmo efeito.

Acrescentando que ia expor uma simples lição de história, o conferente recordou, em breves palavras, as noções de causa e de efeito, estabelecendo, seguidamente, a diferença entre causa remota e causa próxima.

Tendo exemplificado estes conceitos, apresentou, então, a série de causas, que em seu entender, contribuíram para o movimento conhecido na História Universal, pelo nome de Reforma.

Entre as causas remotas mencionou:

- a) O Cisma do Ocidente;
- b) A necessidade de uma reforma adentro da Igreja, necessidade esta reconhecida por todos;
- c) As doutrinas dos precursores: Wiccleff, João Huss e Jerónimo de Praga.

Historiou, rapidamente, o Cisma do Ocidente, salientando as suas consequências, entre as quais destacou o enfraquecimento do Papado.

Na segunda causa remota sublinhou os males profundos de que a Igreja sofria e que exigiam remédio imediato. A estes males — reflexo não só do

Cisma como das lutas entre o Sacerdócio e o Império — viera juntar-se a acção requintadamente secular dos Papas do Renascimento. Perdera, então, o Papado, uma grande parte do seu prestígio, pois os Pontífices do Renascimento, apaixonados pelas letras e pelas artes, numa palavra, pela cultura pagã, mesmo, por vezes, em detrimento dos interesses religiosos, haviam-se tornado verdadeiros príncipes seculares.

Se se recordarem — acrescentou — os nomes de Inocência VIII e de Alexandre VI, evocam-se, ainda, essas tremendas lutas políticas «que se destinavam, apenas, a sustentar certos membros de suas famílias, desviando, nesse sentido, os rendimentos da Igreja e perdendo, portanto, a confiança dos povos.»

O conferente, depois de descrever a situação do alto e baixo clero, analisou, rapidamente, a doutrina dos Precursores, passando, em seguida, às causas próximas.

Mencionou as seguintes:

- a) Difusão da Bíblia, graças à invenção da Imprensa;
- b) Desenvolvimento do espírito crítico, com o Humanismo;
- c) A questão das Indulgências.

Tendo examinado cada uma destas causas, o conferente focou, seguidamente, uma das momentosas consequências espirituais da Reforma: — o Adventismo.

Sendo, efectivamente, a Reforma, como provou, o regresso ao Cristianismo apostólico, ao Cristianismo de Jesus, tal como se encontra nas Sagradas Escrituras, — a grande projecção da Reforma foi o Adventismo do Sétimo Dia, que marca, de facto, o regresso integral ao Cristianismo da Sagrada Escritura.

Terminou, dizendo, que os homens da Reforma mais não fizeram, porque para mais não tiveram luz. Chegando, porém, o tempo do fim, essa luz vinda do alto, iluminara esses, que Deus escolheu para serem os Seus pregoeiros da última Mensagem ao Mundo.

A exortação final foi o convite dirigido a todos para procurarem a vontade de Deus nas Sagradas Escrituras.

Para os cristãos, qualquer que seja a denominação a que pertençam, e em particular para nós, adventistas do sétimo dia, as Setenta Semanas constituem um período profético de particular interesse.

Dadas as consequências que derivam da sua correcta interpretação, é da máxima necessidade que estabeleçamos com a possível segurança as datas que constituem os seus marcos miliários — o início em 457 a. C., a morte de Jesus em 31 e o seu termo em 34.

Início das Setenta Semanas em 457 a. C.

O ponto de partida é estabelecido nos seguintes termos: «Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém...» (Dan. 9:25).

Admitindo como provado que a ordem, ou decreto, a que se faz referência, foi emitida no ano 7.º de Artaxerxes Longimano, rei da Pérsia (Esd. 7:7, 8), para determinar esse ano torna-se conveniente estabelecer primeiramente a altura do ano, e depois o próprio ano, em que o rei subiu ao trono.

Combinando os seguintes textos de Esdras e Neemias, podemos determinar aproximadamente a altura do início do seu reinado: «Sucedeu no mês de Chisleu, no ano vigésimo...» (Neem. 1:1); «No mês de Nisan, no ano vigésimo, do rei Artaxerxes...» (Neem. 2:1); «E no mês quinto veio ele a Jerusalém, e era o sétimo ano deste rei. Porque no primeiro dia do primeiro mês foi o princípio da sua subida de Babilónia; e no primeiro dia do quinto mês chegou a Jerusalém» (Esd. 7:8, 9).

Coordenando estes dados, verificamos que está dentro do mesmo ano do reinado de Artaxerxes o mês de Chisleu (Novembro-Dezembro) e o mês de Nisan (Março-Abril) e por outro lado o de Nisan (o primeiro mês do ano hebraico) e o quinto (Julho-Agosto).

Gráficamente, podemos representar da seguinte maneira os meses que sabemos terem pertencido ao mesmo ano do reinado de Artaxerxes, deduzindo os meses em que pôde subir ao trono:



Por este gráfico verificamos que Artaxerxes deve ter começado a reinar em algum dos meses compreendidos entre Agosto e fins de Novembro.

Não esquecendo estes dados, vejamos, segundo o Cânon de Ptolomeu, o ano em que se iniciou o seu reinado.

No século II d. C., Cláudio Ptolomeu, matemático, astrónomo, geógrafo e cronologista, que viveu em Alexandria, organizou um cânon ou lista de reis, desde Nabonassar da Assíria 747 a. C., até ao imperador Antonino, de Roma, em 137. O valor desta lista cronológica, incorporada no seu livro *Almagesto*, é atestado pela ocorrência de uns vinte eclipses confirmados pelos astrónomos de hoje. Tem-lhe sido atribuído um valor incalculável desde a antiguidade.

Este cânon apresenta o início do reinado de Artaxerxes em 17 de Dezembro de 465 a. C., ou seja, no Thoth ou dia de ano novo egípcio que precedeu a sua subida ao trono. (O ano egípcio não correspon-

dia ao nosso, porque contava apenas 365 dias, atrasando-se de quatro em quatro anos um dia, correspondente ao dia que tem a mais o nosso ano bissexto). Ptolomeu procede assim não só com o reinado de Artaxerxes mas com o de todos os reis. Ora, sabendo nós que Artaxerxes subiu ao trono antes de Dezembro, temos de contar o início real do seu reinado, não em 17 de Dezembro de 465, mas no outono do ano seguinte, ou seja de 464.

Pelas Olimpíadas obtemos o mesmo resultado que pelo Cânon de Ptolomeu. Os gregos, como é sabido, contavam a sua era pelas Olimpíadas, que correspondiam aos jogos olímpicos, e que se repetiam de quatro em quatro anos. A primeira foi em Julho de 776 a. C.

Segundo os escritores gregos, Xerxes (pai de Artaxerxes), na sua marcha para a Europa, passou o Helesponto, «no fim do quatro ano da 74.ª Olimpíada», ou seja, em Junho de 480 a. C. Foi isso no seu sexto ano, o que equivale a dizer que ele começou a reinar em 485. Segundo o consenso unânime dos escritores ele reinou quase 21 anos. Ora, subtraindo do início do seu reinado 21 anos, e acrescentando sete meses, tempo em que ainda esteve no governo Artabano, temos o início do reinado de Artaxerxes em 464.

Outro dado: Segundo Júlio Africano, o 20.º ano de Artaxerxes foi no 4.º ano da 83.ª Olimpíada, ou seja, em 445-444 a. C. Calculando a diferença de 20 anos, temos o começo do seu reinado em 464 (1).

Estabelecido o ano de 464 a. C. para o início do reinado de Artaxerxes, não se exige grande esforço mental para concluir que o 7.º ano, em que saiu o decreto em questão, foi em 457.

Morte de Jesus em 31

Da leitura dos Evangelhos depreende-se que Jesus morreu numa sexta-feira, dia de Páscoa, sob Pôncio Pilatos.

Supondo que o dia 14 de Nisan, em que se celebrava a Páscoa, correspondia à primeira Lua cheia após o equinócio da primavera, seria útil consultar uma tábua das fases da Lua, e verificar em que anos é que a Lua cheia coincidiu com a sexta-feira, durante o governo de Pilatos. Temos, pois, os seguintes dados (2):

Anos	1.ª lua cheia após o equinócio da Primavera		
28	29 de Março	6 horas	Segunda-feira
29	17 de Abril	5 h.	Domingo
30	6 de Abril	22 h.	Sexta-feira
31	27 de Março	14 h.	Terça-feira
32	14 de Abril	11 h.	Segunda-feira
33	3 de Abril	17 h.	Sexta-feira
34	23 de Março	17 h.	Terça-feira
35	11 de Abril	10 h.	Segunda-feira
36	31 de Março	16 h.	Sábado

Em presença deste quadro, poderemos continuar a admitir que Jesus morreu no ano 31? (3).

Para a compreensão do assunto, começamos por chamar a atenção para Lev. 23:10,10. Segundo esse texto, um molho das primícias da sega devia ser levado ao sacerdote no segundo dia depois da Páscoa, o que equivale a dizer que nessa altura já devia

haver espigas. Por isso se chamava também ao primeiro mês hebraico, Abib, ou mês das «espigas».

Ora nas partes mais quentes da Palestina a sega só começava por volta dos meados de Abril, o que nos leva a concluir que a Páscoa não se celebrava antes desse mês. É o que, aliás, Michaelis, o primeiro a investigar criticamente o antigo calendário judaico, nos garante: «Podemos afirmar, com certeza, que a primeira Lua do ano israelita deve ter sempre caído dentro do nosso Abril. Era essa a Lua, no curso da qual, na Palestina, se podiam sempre ter espigas segadas, e daí o nome de Lua ou mês das espigas (Abib). No dia 16, que era o segundo dia da festa da Páscoa, as primícias das espigas segadas deviam ser apresentadas perante o Senhor»⁽⁴⁾.

Flávio Josefo, colocando a Páscoa no mês de Xantico⁽⁵⁾, geralmente identificado com o nosso Abril⁽⁶⁾, confirma as palavras de Michaelis.

Dando crédito a Scaliger, que estudou profundamente o assunto, a Páscoa só podia celebrar-se entre 8 de Abril e 6 de Maio⁽⁷⁾.

No caso de a primeira Lua cheia depois do equinócio da primavera coincidir com o mês de Março, os judeus adriavam o início do seu novo ano, intercalando um mês, o *Veaddar*, que era anunciado oficialmente pelos sacerdotes.

Ouçamos, de novo, Michaelis: «Mas se, por discordância das Luas com o ano solar, o fim dos doze meses coincidia com o mês de Março, de modo que pelos meados da seguinte lunação não se esperassem espigas ceifadas, não podendo assim celebrar-se a Páscoa, então consideravam esse mês como o 13.º do ano precedente; ou, noutros termos, intercalavam um mês, que os judeus no seu calendário agora chamam *Veaddar*, ou segundo *Adar*. Para se saber quando se dava esta intercalação, não era necessária a observação dos corpos celestes: bastava a qualquer camponês olhar para as searas na parte mais meridional da Palestina»⁽⁸⁾.

Assim, de um modo geral, intercalava-se um mês lunar de dois em dois ou três em três anos, num total de sete meses intercalares num decurso de dezanove anos.

Recentes inscrições, descobertas na cidade greco-síriaca de Dura-Europus, mostram que estava ainda em vigor no ano 31 este sistema de intercalações⁽⁹⁾. Segundo os próprios autores israelitas, as modificações ulteriores por que passou o sistema, consecutivamente às perseguições a que foram sujeitos os judeus pelos romanos, não são anteriores a 219, ano em que Mar-Samuel trabalha, em Nehardea, na reforma do calendário. De resto, a organização do moderno calendário judaico apenas começou a efectuar-se pelo século IV.

Admitindo que a Páscoa não podia festejar-se em Março, e que no ano 31 se deve ter dado a intercalação de um *Veaddar*, vejamos agora em que dia do mês se celebrava a festa.

Apesar das discussões que mais tarde se levantaram, quer entre os cristãos, quer entre os judeus, acerca do dia da celebração da Páscoa, é certo que, segundo o Pentateuco, devia celebrar-se no dia 14 do primeiro mês. Há, no Antigo Testamento, sete Páscoas datadas, cada uma delas «morta», «guardada» ou «comida» no dia 14⁽¹⁰⁾. Fontes históricas estranhas à Bíblia apresentam, para o tempo de Jesus, a mesma data⁽¹¹⁾.

Recordemos, de passagem, que os judeus iniciavam o novo dia com o pôr do Sol do dia precedente. Por isso, segundo Aristóbulo, o 14 de Nisan seguia

sempre a noite em que a Lua cheia se manifestava já desde o pôr do Sol⁽¹²⁾. Não percamos de vista este pormenor, porque a ele iremos recorrer dentro de momentos.

Estabelecido o facto de que a Páscoa se celebrava em 14 de Nisan, reveste uma importância secundária a determinação da altura do dia em que era morto o Cordeiro pascal. Há um curto período, a que faz referência Num. 9:11, chamado *ben-ha-arayim*, e que significa «entre duas tardes». Não concordam os Karaitas e os Samaritanos de um lado e os Rabinitas de outro lado acerca do movimento preciso. Mas era nesse período que tinham lugar a oferta diária vespertina do cordeiro (Num. 28:4), a morte anual do cordeiro pascal (Lev. 23:5), o acto de acender as lâmpadas do templo (Ex. 30:7, 8), a oferta do incenso da tarde (Idem) e o pôr do Sol (Deut. 16:6). Era, portanto, já no início do novo dia, a morte do cordeiro pascal.

Foi, pois, na sexta-feira, dia 14, que Jesus celebrou a ceia pascal típica, e como Antítipo, morreu na cruz do Calvário⁽¹³⁾.

Consultando agora a tábuca acima apresentada, verificamos que em 31 a Pascoa não podia ocorrer em 27 de Março, por ser demasiado cedo, determinando assim a intercalação de um *Veaddar*.

Como vemos na referida tábuca, a conjunção da Lua deu-se, em 27 de Março, às 14 horas. Acrescentando agora os vinte e nove dias e meio de um mês lunar, atingimos, com os vinte e nove dias, as 14 horas de quarta-feira, 25 de Abril; e com o restante meio dia, as 2 horas de quinta-feira, 26, que ainda não foi o 14 de Nisan, por a Lua cheia não se ter manifestado desde o pôr do Sol. Só na sexta-feira, 27, iniciada já com a Lua cheia ao pôr do Sol, seria morto o cordeiro pascal — o tipo e o Antítipo.

Podemos, pois, concluir que Jesus morreu na sexta-feira, 27 de Abril de 31.

(Conclui no próximo número)

(1) Para um estudo mais vasto do assunto, vid. W. A. SPICER, *Certainties of the Advent Movement*, Washington, 1929.

(2) Quadro organizado pelo Dr. Manuel António Peres Júnior, Director do Observatório Astronómico de Lisboa, a pedido de António Cabreira, que o apresenta na sua obra *Determinação Exacta da Data da Morte de Cristo*, Lisboa, 1935, pág. 8.

(3) O problema foi magistralmente tratado pela nossa erudita e saudosa irmã Grace E. Amadon, em *The Ministry* (Maio e Junho de 1942, Setembro e Outubro de 1943, Fevereiro, Março e Abril de 1944). Os argumentos e citações deste parágrafo são extraídos desses artigos. Pena é que Grace Amadon não tenha podido concluir o seu trabalho, como esperava.

(4) MICHAELIS, *Commentaries on the Laws of Moses*, trad. por Alex ndre Smith, London, 1814, págs. 182-183.

(5) *Antiquidades*, III.X.5; XI.IV.8; *Guerras*, V.III.1. (6) «Portanto, no mês de Xantico, isto é, Abril». (MICHAELIS, *De Mensibus Hebræorum Commentatio*, Bremen, 1763, pág. 17). «Aprilis-Xanthicus». (JOSEPH SCALIGER, *De Emenatione Temporum*, Francofurt, 1593, pág. 379).

(7) *Ibid.*, I c., pág. 265. (8) MICHAELIS, *Commentaries on the Laws of Moses*, pág. 207.

(9) M. I. ROSTOVITZ, F. F. BROWN and C. B. WELLS, *The Excavations at Dura-Europus*, Seventh and Eighth Seasons, 1959, pág. 309, nota 3.

(10) Ex. 12:6; 2 Cron. 30:15; 35:1 («morta»); Num. 9:3, 11; Jos. 5:10; Esd. 6:19 («guardada» e «comida»).

(11) ARISTÓBULO (NICOLAI NANCELII, *Analógia Microcosmi ad Macrocosmon*, Lutetiæ Parisiorum, 1611, secunda pars, col. 1204); FILÃO (*Special Laws II*, trad. por Colson. Cambridge, 1935, sec. 148, 149); *De Vita Mosis II*, trad. por Colson, sec. 251); JOSEFO (*Ant. II. XIV.6; Guerras*, V.III.1).

(12) NICOLAI NANCELII, *Analógia Microcosmi ad Macrocosmon*, col. 1204.

(13) E. G. WHITE, *Conflito dos Séculos*, pág. 399.

O futuro da evangelização em

«Desejo que leiamos, com particular atenção, um simples texto da nossa Bíblia — Actos 16:9.

«O sonho de S. Paulo seria igual aos nossos sonhos vulgares? Desejaria que pensassem e me respondessem. (Vozes: *não*).

«Não sendo natural, tenho de concluir que foi sobrenatural. Quem deu este sonho a S. Paulo? (Vozes: *Deus*).

«Muito bem! Logo as palavras saídas da boca do Macedónio, representam o ideal de Deus quanto à evangelização: «Passa à Macedónia e ajuda-nos!»

«Tenho para mim que os rapazes e meninas, homens e mulheres, aqui presentes no Seminário Adventista, têm por ideal preparar-se para a única obra da nossa Denominação — a *evangelização*. Só terão a ganhar se examinarem na Bíblia quais são as directrizes divinas para a evangelização. Tudo quanto Deus ordena tem de produzir resultado; a Sua palavra não volta a Ele vazia! Nenhum normal pode gostar do insucesso na sua função. Logo, meus amigos, se quiserem ter êxito na evangelização, levar uma vida produtiva e, consequentemente, tão feliz quanto é possível na Terra, não se deixem seduzir por exemplos ou doutrinas humanas; antes fixem os vossos olhos e esforcem o vosso espírito na Palavra de Deus.

«Que disse Deus a S. Paulo?

«Passa à Macedónia e... come o pouco pão que eles lá têm? ou

«Passa à Macedónia e... aumenta-lhes as preocupações já grandes que eles têm?

«Passa à Macedónia e... assusta-os, com a doutrina do Inferno ou com qualquer outra do mesmo género?

«Passa à Macedónia e... faz-lhes bons sermões, canta-lhes bons hinos?

«Mas, então, qual foi o plano de evangelização dado directamente por Deus ao Seu servo, o bom evangelista internacional, Paulo de Tarso?

«Passa à Macedónia e... *ajuda-os!*»

«Quereis vós ser evangelistas de êxito, vós rapazes e raparigas que me ouvís? Eis aqui a palavra divina que será a vossa chave bem natural para abrides os amplos celeiros de uma vida frutífera: «*Ajudai-os!*»

«Tudo o que aprendeis nas aulas, as letras, as ciências, a Bíblia no seu multiforme aspecto, só pode servir na vossa vida activa se, desde já, entrar no vosso espírito o plano divino de «Auxílio à sociedade em que fordes colocados na Obra Adventista».

«É uma questão que precisais, desde já, resolver por vós mesmos. Perguntai esta tarde, depois do bom almoço, à vossa consciência: «Os meus estudos, os trabalhos práticos em que estou especializado poderão contribuir, de qualquer forma, a que eu preste auxílio, seja um factor útil aos meus compatriotas, na comunidade em que me colocarem, tanto aos membros da Igreja como aos de fora que precisamos congregar ao nosso Povo? Se a vossa consciência bem esclarecida vos responde: «Não» — recusai qualquer trabalho que vos seja dado; procurai ter as vossas mentes e as vossas mãos bem adestra-

das numa função de utilidade, de auxílio, aos homens e mulheres que estão no mundo. Não queirais ser meros parasitas sociais, meros consumidores dos dízimos e ofertas entregues com sacrifício pelos crentes que os ganharam em serviços de utilidade social. O plano de Deus, na evangelização, dado a S. Paulo e dado a cada um de nós na Sua Palavra não é o que vulgarmente existe no mundo. Não é: «procura viver de costas direitas» mas «Ajuda-os!»

«O mundo é muito inteligente, meus amigos. Alguém que não era humano disse serem os filhos dos homens muito mais espertos do que os filhos do reino. Um dos factores da fraqueza religiosa é que raros ministros do Evangelho, seja em que Igreja for, são úteis à sociedade. Em geral, são simples parasitas da sociedade. Dizem que são discípulos do Mestre. Temos de concordar que, em geral, são discípulos muito maus porque, enquanto o Mestre passou o Seu tempo a curar doentes, a ensinar ignorantes, a pleitear a causa dos fracos, a dar de comer aos famintos, os Seus discípulos—quando muito!—fazem boas conferências e bons sermões.

«E o resultado é infalivelmente o que tem de ser... o insucesso.

«Pois meus amigos, importa-vos muito tomar uma boa posição de combate. Todos vós, sem excessão, podeis ser bons evangelistas. Basta que orienteis a vossa vida no sentido de *ajudar* o vosso semelhante.

«Um de vós está tirando o curso menos difícil e menos completo deste Seminário: o de catequista. Não é obrigado a grandes saltos intelectuais porque a sua bagagem é restrita. Pode vir a ser presidente da Conferência Geral, mas se não vier a sê-lo, poderá, ao menos, ser um útil servo de Deus, um bom evangelista? Está claro que sim. Vejam: vamos colocá-lo, depois do estágio, numa aldeia; aí há um certo lavrador, o sr. Anastácio; o nosso catequista, filho do campo, bom trabalhador rural, tendo cavado batatas tantas vezes no Seminário, sabe que o sr. Anastácio tem um campo de batatas para sachar; chega-se ao sr. Anastácio e diz-lhe: «O sr. Anastácio, sei que vai amanhã sachar o seu campo de tal. Ora eu já há tempo que não faço exercício de músculos. Até tenho saudade de sachar batatas. Permite-me que o ajude». O sr. Anastácio fica logo confundido, acha graça que o «padre protestante» queira sachar. E lá vão os dois até ao campo. A conversa anima-se, o campo vai sendo sachado. E, quando, à noite, o lavrador conversa com a mulher, à lareira, vai-lhe dizendo: «Sim, senhor, este padre adventista é bom tipo; não é nada que se compare ao preguiçanas do abade; calcula tu que trabalhou como um homem hoje comigo, a sachar batatas... Pois, sim senhor, no próximo domingo vamos à reunião dele. Quero agradecer-lhe a ajuda. E tens de arranjar aí um cabazito de fruta para lhe levamos... etc.». O catequista, com uma ajuda de nada, arranjou a simpatia do lavrador e abriu uma porta à influência do Evangelho. Não tem tanta ciência como o abade, mas nenhum padre católico baterá a sua influência porque o que o padre quer é viver de «costas direi-

tas» sem ajudar ninguém. O nosso catequista segue o plano divino: «Passa à aldeia de X e... ajuda-os».

«E tu, minha menina, queres ser uma boa evangelista? Aprende a ser útil. Suponhamos que uma dentre vós é colocada aqui em Portalegre como obreira bíblica. Suponhamos que só sabe o que lhe ensinaram no Seminário e que bem pouco é, mesmo quando estude tudo quanto nele se ensina. Chegada à Igreja, viu uma mãe que tem quatro ou meia dúzia de filhos. O que aquela pobre mãe adventista ou não-adventista tem de trabalhar pelos seus filhos! A Obreira-bíblica aproxima-se dela, certo dia, e dirige a conversa neste sentido: «Tenho observado que tem uns pequerruchos muito interessantes... deve ter muito trabalho com eles... gostaria de fazer alguma coisa de útil por si... permita-me que vá ajudá-la no arranjo da sua roupinha...». No dia aprazado lá vai a Obreira-bíblica. Ajuda aquela pobre e atarefada mamã; lava a cara a um pequeno, penteia a menina, familiariza-se com todos e, antes de sair, convida todos os presentes a fazer um cultozinho familiar, a ler um texto do Evangelho, a orar ao Pai Celeste. Simples, não é? Pois um tal acto constituirá uma verdadeira revolução familiar.

«Suponhamos agora que a Obreira-bíblica é uma enfermeira. Suponham que é uma médica. Que potentíssima acção evangelizadora não poderia exercer!

«Suponham os homens aqui presentes que eram lavradores, enfermeiros, advogados, professores, médicos, eu sei lá quantas actividades poderia citar, e que empenhavam essas armas na evangelização de Portugal...

«Se forem alguma destas coisas, também se pode dar um caso muito triste e muito vulgar — são tão importantes que não podem fazer obra de evangelização!

«Amigos, varram da sua mente essa triste ideia de que para trabalhar na evangelização apenas necessitam um pòzinho de ideias, estar paredes meias com o analfabetismo e parasitismo social. Se não quiserem encarar a evangelização pelo prisma de Cristo e de Paulo, o melhor será seguir outra profissão. Se não quiserem encarar a evangelização de Portugal pela ordem de marcha dada por Deus a Paulo — «Ajuda-os», é que desejam simplesmente ser ajudados; não desejam ser evangelistas mas parasitas de Deus e dos homens. A situação mais desgraçada e trágica que pode existir na vida de um ser humano.

«Sei que alguns fazem planos para serem professores. Ponham a vossa actividade no rumo da evangelização. Sabem o que têm a fazer? Aquilo que os professores no mundo e muitíssimos professores adventistas não fazem, ou porque não sabem ou porque não querem. Na vida dos professores há um grande tirano: «o Programa». Importa mais aos professores «o Programa» do que «os alunos». São muito raros os professores que se preocupam mais com os alunos do que com o programa. E são raríssimos os que sabem dar o programa e salvar o aluno. Cada professor adventista que não é o evangelista e pastor da sua classe ou do seu aluno é simples mercenário. Deveria ser aconselhado a

procurar trabalho nessas muitas escolas oficiais e particulares onde pontificam simples mercenários da pedagogia e educação. Absolutamente simples. Tudo no ensino vulgar pode conduzir a alma do aluno nos caminhos de Jesus. Nobilíssima, cheia do maior êxito presente e eterno, a vida do evangelista professor. Tem a alma dos seus discípulos na mão, durante horas cada dia e durante oito a dez meses cada ano. Se ao fim de um ano lectivo, um bom professor adventista, seguindo os conselhos denominacionais do Espírito de Profecia e os de Deus na Bíblia, não alcançar fazer do seu aluno um cristão, os mais dedicados pastores nada poderão e, por força, aquela alma tinha de se perder. E muito simples, repito. Basta que deseje «Ajudar» o seu aluno, nas coisas temporais e eternas.

«Amigos, não façam de nenhum Obreiro no activo actual o seu modelo. Nós, presentemente, somos meros «abre buracos». A nossa esperança não está depositada em nós nem naqueles que estão a abrir buracos no dia de hoje. A nossa esperança está em que os buracos, as trincheiras abertas, só Deus sabe com quanta despesa e trabalho, venham a ser ocupadas por um batalhão de gente moça, com o cérebro cheio de doutrinas exactas, com o treino e o desejo de serem úteis, de «ajudar» o nosso povo.

«A nossa Obra, no país de base, os Estados Unidos, tem escolas secundárias e superiores cheias de milhares de rapazes e raparigas que estão tirando os mais diversos cursos: professores, enfermagem, medicina, contabilidade, agricultura, secretariado, etc., etc... E verificamos que todos esses cursos são de carácter utilitário. O fim de tais cursos é «ajudar» as actividades do mundo que se pretende salvar.

«Os nossos ministros na América, de forma geral, sobretudo os da actual geração, têm uma instrução geral sólida, além de uma instrução prática muito valiosa.

«E nós teremos de seguir-lhes as pisadas, acabar com o analfabetismo das fileiras do ministério e apetrechá-lo para as grandes manobras de evangelização diante de nós.

«O nosso povo afigura-se-me de muito difícil evangelização. É muito mais difícil de evangelizar que os pretos, pelo simples facto de que estes têm o cérebro livre de «superstições» cristãs, seguirão com facilidade a religião daquele que «passou a eles para os ajudar». É muito mais difícil de evangelizar do que aqueles cuja vida intelectual anda, desde pequeninos, entrelaçada com a Bíblia. O nosso povo é arreigadamente tradicionalista. A religião vulgar está representada e defendida por um grupo de homens verdadeiramente bem apetrechados na defesa do que nós dizemos ser erro.

«Contamos com Deus e temos de contar com o nosso plano de evangelização, baseado no Evangelho.

«Seremos sábios se ganharmos almas (Prov. 11:30). Para as ganhar precisamos contactar com elas, entrar na sua intimidade espiritual. Nunca poderemos fazê-lo sem que lhes sejamos úteis por qualquer forma.

«Portugal grita-nos: «Passai... e ajudai-nos!»

A. Dias Gomes

Mais uma vez nos apraz reafirmar o nosso respeito pelos cristãos filiados na Igreja cujo chefe dirige politicamente os destinos do Estado do Vaticano.

Os adventistas portugueses crêem nas seguintes palavras: «É verdade que há verdadeiros cristãos na Igreja católica romana... Deus vê essas almas com ternura misericordiosa, visto terem sido criadas numa crença enganadora e insuficiente.» (E. G. White, *Grande Controvérsia*, pág. 574).

Sem perda de fraternidade cristã ou menos respeito, concordamos que qualquer revista das instituições papistas esteja em desacordo com a nossa doutrina. É natural!

Não seria, porém, cumprir o nosso dever não protestar contra calúnias que, nos tempos actuais, possam prejudicar a nossa vida religiosa. Se nos chamassem «nazis», «fascistas», «miguevistas» ou qualquer outro nome político, protestaríamos da mesma forma. Não é verdade: não somos nem queremos ser políticos.

Não conhecemos o articulista A. Veloso. Pela quantidade de artigos publicados na *Brotéria* e pela fogaosidade desastrada contra a Fé Cristã, segundo as igrejas protestantes em geral e a adventista em particular, demonstra bem que pertence à Igreja de Roma. Deve ser, pois, um cristão confesso, praticante. O seu dever manda aplicar-se a Regra Fundamental do Cristianismo: «Faze aos outros o que quereis que eles vos façam». Gostaria e ficaria calado se nós de cá começássemos a chamar-lhe comunista?

Por que não aplica, quando nos ataca sem verdade, a doutrina do seu artigo na *Brotéria* de Março p. p. sobre «Limites necessários»? Acha que V. Hugo não andou bem azorragando o «pobre» Alexandre VI e a sua admiradora de triste memória. Estamos de acordo. Todas as calúnias lançadas contra vivos e mortos constituem uma vergonha para quem nas escreve. Façam-se contra-processos históricos e lavem-se, da lama lançada contra elas pelo ódio, as memórias dos mortos. Compreende-se que sejam contra-processos muito difíceis de organizar, em certos casos, e por isso é que não estão já organizados. Mas tais sentimentos no articulista Veloso exigem que não confunda Adventistas com Comunistas nem chame «amasiados» a pessoas que sempre souberam respeitar a moral social.

E, de resto, conta com a nossa aliança, sempre que nos possa indicar, aqui ou no estrangeiro, algum caso concreto de interferência política de uma igreja adventista.

Passemos à análise do artigo: «A Conjura do Ódio»:

1 — *Cumplicidade de protestantes, comunistas e maçónicos contra a Igreja de Roma?*

Nada sabemos. Nunca fomos convidados, aqui ou no estrangeiro, para qualquer aliança desse género. Nem tal aliança se poderia fazer antes de ser votada e decretada por Concílio Geral da Igreja, onde nós temos voz. Essa união só será possível quando a letra e o espirito da Constituição Religiosa dos Adventistas forem mudados.

NÓS E A

ANÁLISE AO ARTIGO DE A. VELOSO NA BROTERIA

2 — *Nos Estados Unidos está constituída uma organização protestante-maçónica para «garantir a separação da Igreja do Estado?»*

Pode ser que seja verdade. Conhecemos pessoalmente os Estados Unidos, essa república organizada por protestantes, fugidos às perseguições religiosas da Europa naqueles tempos da Santa Inquisição, estruturalmente cristã, democrática e *libérrima*, que nunca recusou entrada aos papistas perseguidores se nela desejassem tirar a barriguinha de misérias. Pois qualquer americano, até os próprios estudantinhos das academias, dizem que os papistas andam a minar a constituição dos Estados Unidos, umas vezes por processos legais e visíveis, outras vezes e, em geral, por métodos menos visíveis. Mas, coitados, são tão amáveis que, em vez de recorrerem à calúnia, à polícia, ao desterro, procuram organizar um movimento, se é verdade o que diz o sr. Veloso, para... «*garantir a separação da Igreja e do Estado!*»

Se é verdade, sr. Veloso, é admirável! Só nos Estados Unidos. Só num país estruturalmente cristão e evangélico. Tendo o protestantismo uma esmagadora maioria, podendo impor a união do Protestantismo com o Estado, tendo possibilidades de arranjar uma tramóia política qualquer para acabar com o papismo no território da república, já porque é minoria, já porque é contrário ao espírito político da constituição, lembraram-se apenas de pedir que... «*Haja separação entre o Estado e as Igrejas.*» Não querem ter mais direitos, eles que são a maioria, do que os papistas ou judeus ou maometanos que são a minoria.

Se isso é conjura do ódio... não está o ódio do lado deles.

Não farão os nossos irmãos em Cristo, da Igreja Papal, qualquer propaganda intolerante? Não sabemos se poderemos dar crédito aos catecismos da Igreja Papal. Mas, se é verdadeira a doutrina desses catecismos, afigura-se-nos que o intolerantismo é neles aconselhado. Ora, para evitar doutrina nossa, vamos ouvir:

Cours Supérieur de Religion, de Monseñor Louis Prunel, em 5 volumes, Liv. Beauchesne, livro *L'Église*, pág. 275:

«Ou bem se trata de uma nação inteiramente católica ou pelo menos, em grande maioria, católica. Neste caso, o poder civil deverá favorecer a missão da Igreja, persuadido que, se o fizer, trabalha para a prosperidade e felicidade da nação. Deverá reprimi-

BROTÉRIA

SOBRE A CONJURA DO ÓDIO,

JANEIRO DE 1948

mir os ataques violentos contra a Igreja, prestar à Igreja o socorro do braço secular para repressão da heresia, punir o sacrilégio, porque os heréticos e os sacrílegos, insurgindo-se contra a sociedade religiosa, põem em perigo a própria sociedade civil; de sorte que o interesse do Estado confunde-se, neste caso, com o da Igreja... ou bem se trata de uma nação em que as crenças são múltiplas: é a hipótese. O Estado poderá, neste caso, «tolerar que cultos diferentes sejam reconhecidos na cidade» (Leão XIII); mas deverá, contudo, sustentar, tanto quanto possível, a unidade católica... porque mesmo nos países onde reine a tolerância, isto é, regímen de vários cultos, o catolicismo deveria sempre gozar de uma situação privilegiada.»

Noutros termos: em Portugal, onde a maioria é deles (se considerarmos apenas os religiosos praticantes e abstrairmos da maioria indiferentista da nação), o Estado deveria empregar a força pública na repressão da heresia; nos Estados Unidos, em que, como na Inglaterra, Alemanha e países nórdicos, estão em minoria, o Estado deveria dar-lhes uma situação privilegiada e ajudá-los a manter a unidade católica.

É caso para perguntar: e mais nada?

Pois muito bem: os Estados de maioria protestante nunca conceberam, nem podem conceber, que a igreja papal não goze das mesmas liberdades que desejam para os evangélicos.

Onde está a «conjura do ódio»?

3 — *O principal motivo dessa organização era impedir a permanência de um diplomata americano no Vaticano.*

Nesse caso, uma mera questão política. Nada queremos perceber dessas questões. Mas, segundo A. Veloso, parece que a ideia da organização veio directamente do Capitólio, isto é, do Parlamento dos Estados Unidos. Ora vejamos, com olhos de ver: os parlamentares dos Estados Unidos pensam que a liberdade religiosa, na república americana, pode perigar. Eles lá sabem e não são «trochas» nenhuns. Pois claro, S. Welles disse muito bem que as razões de tal embaixador não são de ordem religiosa. O «Santo» Padre é «um líder incomparável na luta contra a política da crueldade e de agressão». Mas é agora e foi sempre assim — «um líder incomparável na política». Os nossos parabéns.

Se os políticos capitolianos não concordam com essas atitudes, voltamos a perguntar: onde está a conjura do ódio?

O articulista, com a tendência doentia dos «nomes», não podia deixar de chamar «gansos» aos parlamentares. É doença.

4 — *«Não nos dirá isto nada, a nós, portugueses, sobre a propaganda protestante que por aí andam, agora, a fazer, com dinheiro estrangeiro e, ao que parece, principalmente, com dólares americanos?»*

Sim, sr. Veloso, deve dizer:

Primeiro — Que os protestantes portugueses, seguindo o exemplo dos protestantes americanos, nunca quererão para si uma situação diferente da dos papistas, maometanos ou budistas. Igualdade perante a Lei. Os mesmos direitos e os mesmos deveres. Será mais ilustre cidadão da república aquele que maiores serviços prestar à comunidade e não aquele que for mais papista ou mais protestante. Caso os protestantes portugueses pensem de outra maneira, pensam mal. Isso é lá com eles. Nós, adventistas, assim pensamos.

Segundo — Quanto ao dinheiro da propaganda, se vem da América e quando venha da América, onde estará essa conjura de ódio? Não vem da América o plano Marshall? Não vem, ou não veio, da América auxílio para a Instituição Rockefeller na Palhavã? Não são pagos em dólares os empregados portugueses de tanta casa comercial e industrial por esse país fora? A imagem de Nossa Senhora da Fátima não canalizou nenhuns dólares americanos ou canadianos para a caixinha das almas?

Não percebemos onde esteja o mal de tudo isso.

A Igreja Papista em Portugal, de duas uma: ou recebe dinheiro do estrangeiro ou envia dinheiro para o estrangeiro. Receberá dinheiro do estrangeiro? Donde vem? Venha donde vier, nem temos nada com isso nem desmerece o catolicismo em receber esse dinheiro. Estarão em simples pé de igualdade com os tais protestantes. Mas se envia dinheiro, parece-nos que, em tal caso, poderíamos dizer que há prejuízo na economia nacional.

E o melhor seria ainda amarmo-nos uns aos outros, respeitarmo-nos mutuamente e auxiliar o mundo que sofre. Tudo isto são meras palavras que só nos fazem perder tempo precioso.

5 — *«Que o digam a Polónia, a Espanha e também a nossa terra, onde a propaganda evangélica, baptista, adventista, etc., não é mais do que uma complicada ramificação tentacular da conjura mundial do ódio contra a Igreja Católica.»*

Como aponta os adventistas tivemos de alinhar esta simples resposta. O sr. Veloso e os seus confrades podem dormir a sono solto sobre essa tal conjura de ódio a que andem associados os adventistas portugueses. Qualquer adventista que manifestasse, só por simples palavras, tais sentimentos de ódio, seria eliminado, excomungado da sua igreja. Um bom adventista esforça-se, sacrifica-se, luta

por ser o melhor cristão que possa. Pode ter uma ou outra ideia particular sobre qualquer ponto de Fé ou de Costumes, mas o seu intento é seguir o exemplo de Jesus que a todos acolheu, a todos acarinhou, mesmo os samaritanos e os fenícios.

Em vez de escrever contra, ou mesmo antes de escrever, não seria melhor certificar-se da doutrina e espírito dos adventistas portugueses, procurando-os, interrogando-os, familiarizando-se com as pessoas e seus ideais?

Estão errados nas suas doutrinas? Mas há entre eles muitos, a totalidade, que estão errados sem saber e gostarão de ser esclarecidos.

Onde o sr. Veloso erra fogo e onde erram fogo todos os ministros católicos é nisto: atacam os homens, geralmente com afirmações mentirosas, em vez de abordarem as doutrinas à luz das Sagradas Escrituras que, na sua Igreja, são também consideradas como divinamente inspiradas. Resultado? Os crentes adventistas ficam mais firmemente enraizados nas suas convicções quando vêem as calúnias e reparam que ou não abordam seriamente as doutrinas em divergência ou fogem de as abordar como o diabo foge da cruz.

6 — *Sobre as doutrinas e intentos do tal periódico «Linhas de Comunicação» apenas diremos que não é conhecido no meio adventista. Se está errado, ajudem-no a corrigir-se, como nós fazemos ao sr. Veloso. Vamos ver se poderemos encontrar o aludido periódico. Já agora também precisamos certificar-nos se não estará errado o nosso articulista na sua apreciação.*

7 — *«Por conseguinte, se, para nos salvarmos, não precisamos de nos protestantizar, a que título andam, aí, agora, os protestantes a dividir e a enfraquecer Portugal e, de mais a mais, a soldo estrangeiro?»*

Nós lhe vamos explicar, sr. Veloso:

1.º — Não pense que se pode salvar seguindo doutrinas erradas e seguindo-as voluntariamente, cerrando de propósito os olhos à verdade. O credo católico, segundo os catecismos, está errado, em muitos pontos, quando vistos à luz das Sagradas Escrituras. O facto de o sr. Veloso fechar os olhos a esta nossa afirmação, não pode impedir que nós lhe façamos muito cristã e amavelmente. Não são os erros dos Papas, como aquele seu «santo» Alexandre VI, «caluniado» por Vítor Hugo, nem as faltas de qualquer Lucrecia Borgia que nos trazem fora da Igreja de Roma. Por cada acção má ou discutível de um papa podem apontar-se duas ou, pelo menos, uma boa. Homens são homens. A mesma natureza, seja onde quer que a encontremos.

O que importa são os princípios que nos devem orientar para vencer os desmandos dessa natureza. Ora se estamos capacitados de que as doutrinas de Jesus é que são «as saudáveis», para insistir no seu

qualificativo, por que não as adoptaremos e por que as substituiremos por outras?

É nas doutrinas e não nos homens onde se pode inscrever a célebre frase: «hoc opus, hic labor est». E porque aí é que está o trabalho, a dificuldade, é que há tendência de derivar a discussão para a política.

2.º — O Adventismo criou um pouco mais de expansão e vida, depois de ter subido ao poder o actual Governo. Para que haja oportunidade de meditar nas coisas espirituais, religiosas ou científicas é necessário que haja paz na rua e uma situação económica estável. Ora não nos parece que Portugal esteja hoje mais fraco e dividido do que estava há vinte anos. Os factos desmentem, pois, a sua afirmação.

Mas, por favor, quando os católicos enviam os seus missionários, por exemplo, para a Índia budista, para a China confucionista, para o Japão sintoísta, para as tribos africanas seguidoras dos mais variados cultos, para as nações protestantes da América e da Europa, não vão lá também fazer uma obra análoga à dos protestantes estrangeiros em Portugal? Naturalmente já levam de antemão a resposta ao argumento. Pois, sr. Veloso, é a mesma resposta que nós lhe damos. A não ser que eles sejam suficientemente inteligentes para não dizerem tais coisas. É uma mania essa de querer ver fraquezas políticas nas discussões religiosas. Assim como as discussões científicas, filosóficas, não causam mais do que acréscimos de luz, assim a liberdade de consciência e de propaganda religiosa só podem aumentar o bem-estar geral. Como é que a Inglaterra e os Estados Unidos se engrandeceram? Pela liberdade religiosa. Em Londres, no «Hyde Park Corner», qualquer propagandista religioso ou político pode dizer tudo quanto queira, criticar tudo e todos e, há anos, só lhe era proibido criticar do Rei mas, agora, parece que até isso lhe é permitido. Na América, qualquer paisano diz na cara do Presidente, se o puder apanhar a jeito, o que deseje dizer-lhe. São concepções tão ousadas que nem as podemos admitir. O nosso espírito latino está tão pouco adestrado que, de certeza, nem é bom pensar em tais liberdades.

3.º — Sobre a ajuda estrangeira precisamos conversar.

Na América assistimos a cultos em igrejas católicas e vimos que se faziam peditórios entre a assistência. Será gasto todo o dinheiro recebido nessas igrejas só com os serviços católicos americanos?

De vez em quando, lemos que cardeais americanos vão a Roma. Vão lá levar ou buscar? Se houver uma necessidadezinha lá no Vaticano os católicos da América não ajudam nada?

Se um americano ou um inglês enviarem dos seus países um chequezinho para a Nossa Senhora da Fátima será recusado por ser dinheiro do estrangeiro?

Lemos nos jornais que um bom purpurado português foi ao Brasil e arranjou por lá um auxíliozinho para obras educativas católicas. Não vimos mal nisso. Mas não representa auxílio estrangeiro?

Qual é a resposta dada no Japão, na Cochinchina, na Pérsia, quando algum nativo daqueles países tenha a fraca ideia de acusar os missionários católicos estrangeiros ou ajudados pela Propaganda Fidei, por exemplo, de estar a fazer obra «a soldo estrangeiro»?

Não há nenhuma Igreja, nem mesmo a de Roma, que prescindindo, em todos os países, da ajuda financeira do estrangeiro.

Serão conspiradores contra a segurança do Estado? As vezes; nem sempre. O perigo nunca está no dinheiro, mas nos estrangeiros que exerçam actividades dentro do país.

8— «Defender a unidade da fé é o melhor meio, e o mais eficaz, de salvaguardar a independência e o sentido nacional».

Supõe, por unidade da Fé, sermos todos papistas?

Também teríamos de dizer o mesmo se não houvesse um facto histórico português a desdizer o seu arrazoado. Quando em Portugal, à força de auto-de-fé e de perseguição contra protestantes, judeus, maometanos e cristãos-novos, se estabeleceu aparentemente a «unidade de fé» foi quando se perdeu a independência nacional. E quem ajudou a perdê-la foi a quase totalidade dos bispos portugueses. Tudo isto temos encontrado na história pátria. Enfim, admita-se que por lá encontramos muitas inexactidões e faça o sr. Veloso mais uma história de Portugal em desmentido destes dois factos.

Ora se perdeu a sua independência quando era tão católico, temos de concordar que a religião só muito indirectamente interfere nas revoluções e na sorte das batalhas.

A não ser que o catolicismo tenha o triste condão de enfraquecer a alma nacional.

Isto, as palavras, são como as cerejas... Quando se deu a revolução de 1640, uma das últimas chancelarias a reconhecer a nossa independência foi o Vaticano. A nossa história necessita de ser meditada. Andamos alheios a muitos dos seus mais salutares ensinamentos.

EM RESUMO

Não há nenhuma conjura de ódio contra a Igreja de Roma, onde entrem adventistas portugueses ou estrangeiros.

Nenhum adventista odeia o seu irmão católico e está pronto a dar-lhe a mão de fraternidade cristã sempre que este a deseje apertar.

A propaganda religiosa, como a propaganda filosófica e científica ainda, graças a Deus, é livre em Portugal, onde as publicações deste género não estão sujeitas a censura.

Da mesma forma que Roma envia os seus missionários para os países independentes e com religiões nacionais mais variadas, deve permitir, sem tão ferozes protestos, que seja feita propaganda análoga em Portugal.

O epíteto «comunista» foi o mais forte que o articulista Veloso encontrou para agredir os adven-

tistas, sem razão absolutamente nenhuma. Desejosos de prestar justiça ao nosso semelhante vamos dizer-lhe ainda que, como católico, tem obrigação de respeitar os ideais políticos dos governos que se mostrem tolerantes com os seus irmãos de fé, cidadãos desses países. Ora, a *Brotéria* de Março p. p. vem a público dizer que na Rússia Comunista o catolicismo se tem desenvolvido de tal maneira que, de 500.000 em 1939, passou a 7 ou 8 milhões em 1945. Terá esse fenómeno sido possível por que o governo russo não tem força bruta suficiente para aniquilar o catolicismo — um simples meio milhão de pessoas em 1939 e, de certeza, muito menos em 1917 — ou por que existe uma liberdade religiosa, embora condicionada? Façamos mais outra pergunta honesta: se em qualquer estado governado por católicos — sem a virulência do sr. Veloso — houvesse um agrupamento comunista, ter-lhe-iam dado a liberdade de se desenvolver, mesmo em proporções muito mais reduzidas do que as do progresso católico na Rússia?

Continuemos a examinar a *Brotéria*: diz que vivem com a liberdade suficiente de fazer os cultos e proceder à propaganda religiosa dentro dos templos. Fazem as viagens necessárias para receber os sacramentos onde haja possibilidades. Compreende-se que na Rússia com uma Igreja cristã oficial, diferente do catolicismo, não haja igrejas papistas em todas as aldeias da federação. Por isso, têm os crentes de Roma de se dirigir às suas igrejas. Acharmos muito natural. Nós, adventistas, em Portugal estamos sujeitos ao mesmo regímen e oramos a Deus nos mantenha por largos anos nele e no sossego que ele nos dá.

E por fim, parece, se a *Brotéria* diz a verdade, que os católicos russos — 7 a 8 milhões de comunistas! — se sentem impelidos a ser «generosos e heróicos». Os dois adjectivos pediam agora um pouco de tempo e espaço para uma análise interessante. Fica para outra vez.

O sr. Veloso compraz-se, nos seus artigos, em querer dar-nos, a todos nós, lições de patriotismo. Parece andar muito preocupado com a independência nacional. Estará assim tanto em perigo, sr. Veloso? Serão algumas informaçãoezinhas vindas dos sete ou oito milhões de comunistas católicos da Rússia?

Achamos que deve sossegar. A independência de Portugal nunca foi função do catolicismo mas deve-se à inteligência dos políticos portugueses e à generosidade dos seus filhos, de todas as confissões religiosas e até dos que nunca tiveram religião nenhuma.

Quando a independência nacional estiver em perigo serão todos os portugueses sujeitos ao serviço militar quem receberá o choque dos invasores. Os frades de qualquer ordem e os padres de qualquer classe estão dispensados, por lei, de dar o corpo ao manifesto, nos campos de batalha. E, se por felicidade puderam e souberam viver na castidade, não serão os seus filhos quem derramará sangue em defesa da bandeira bicolor, da República que ela representa e da liberdade de consciência e de religião prometidas constitucionalmente.

Resoluções importantes

tomad

Quarto de hora missionário aos Sábados

Considerando que, no desígnio de Deus, a Escola Sabatina e as actividades missionárias da Igreja são ambas factores na salvação das almas e compreendem toda a igreja nas suas actividades e objectivos; e

Considerando que a organização das Classes na Escola Sabatina oferece oportunidade admirável para o agrupamento de toda a Igreja em unidade activa para a realização dos objectivos missionários e para receber relatórios das actividades missionárias, no fim dos trabalhos da escola; por isso,

Recomendamos que

Para facilitar mais suave transição entre a Escola Sabatina e o serviço dos dez minutos missionários, se adopte o seguinte plano: A Escola Sabatina não será terminada sem que o director da escola e o director dos serviços missionários se apresentem a toda a Igreja. Feito sinal para terminar a lição, no fim do tempo respectivo, o director missionário, sem mais preâmbulos, apresentará o seu relatório e o seu plano de actividade, enquanto o director da escola fica sentado ao seu lado. Durante esse período poderão apresentar-se relatórios pessoais do trabalho missionário, planos para as actividades da próxima semana, recolher os relatórios escritos. Fim do serviço missionário a Escola Sabatina termina com o hino e a prece.

2

Membros da Escola Sabatina. Alvo de 100 % sobre os membros da Igreja

Considerando que a Escola Sabatina é parte inseparável da nossa organização eclesíastica e está destinada por Deus para a edificação individual de cada membro da Igreja, dos mais novos aos mais velhos,

Recomendamos:

1) Que o alvo de membros de cada Igreja seja obtido:

- a) pelos membros baptizados;
- b) por todos os jovens adventistas e crianças não baptizadas;
- c) por todas as pessoas que desejem ser inscritas como membros.

2) Que os nossos evangelistas sejam animados a alistar todos os candidatos ao baptismo como membros da Escola Sabatina.

3) Que cada Escola Sabatina trabalhe para obter uma assistência à Escola Sabatina, pelo menos, igual ao número de membros da Igreja.

NOTAS—É fácil de ver que, considerando as crianças e jovens que não são membros baptizados; considerando um certo número de pessoas adultas que têm prazer em ser membros regulares da mesma escola; considerando ainda o Departamento do Lar, não haverá razão para que nenhuma Igreja tenha menos membros da Escola Sabatina do que membros da Igreja. É questão de um pouco de cuidado da parte dos Obreiros e oficiais da Escola Sabatina.

É importante que cada Obreiro local se certifique que o número de membros da sua Escola Sabatina seja igual ao da Igreja.

3

Escola Bíblica por Correspondência para Jovens

Considerando que há uma grande necessidade em toda a Divisão para um plano definitivo em favor da Juventude;

Considerando que há um belo Curso de Bíblia por Correspondência em 24 lições com forte apelo ao coração da Juventude; e

Considerando que já se fizeram experiências com esse curso ganhando centenas de jovens para Cristo,

Recomendamos:

Que o «Comité» da Divisão adapte para os vários campos da mesma essas lições, para que a Juventude da nossa Divisão possa ter um programa definido com respeito ao Curso de Bíblia por Correspondência.

4

Evangelização

Considerando as condições que indicam termos chegado ao momento em que o testemunho final da Mensagem Adventista deve ser dado com poder e de forma integral ao mundo; e

Considerando que os nossos esforços missionários actuais não estão à altura das necessidades e das oportunidades da hora presente, de forma a dar com rapidez a última mensagem de Deus para a salvação dos homens; por isso

Resolvemos que nós, aqui reunidos no Concílio, façamos um pacto solene com Deus e uns com os outros com o fim de duplicar as adesões à fé em 1948 e com o fim de obter este alto e santo objectivo, roguemos à Igreja que se lance numa acção total no capítulo ganhar membros, tanto os obreiros como membros experientes, não-experientes, velhos e novos—para que se unam nas várias formas de evangelismo público e pessoal. Portanto,

Concílio de Inverno da Divisão Sudeuropeia para 1948

Recomendamos:

1.º — Que mais ministros sejam orientados pelos conselhos da conferência a dedicar o seu tempo em evangelismo público;

2.º — Que sejam revistos os orçamentos, de forma a prover meios para maiores e mais continuados esforços de evangelização;

3.º — Que cada ministro ordenado ou licenciado, sejam quais forem as responsabilidades administrativas, se empenhe durante o máximo tempo que possa, dirigindo esforços de evangelização;

4.º — Que os conselhos planeiem trabalho de evangelização para todos os seus obreiros, utilizando os seus talentos ao máximo, de forma a que dêem o máximo rendimento na obra de ganhar adesões e membros;

5.º — Que os cultos de sábado sejam simplificados de tal maneira que os nossos ministros tenham tempo de alimentar o seu rebanho e façam do culto de sábado um serviço de reavivamento espiritual e evangelizador. Devem os assuntos ser escolhidos de tal maneira que os nossos membros sintam prazer em trazer com eles os seus amigos e parentes; e que tudo se faça com decência, elevação e sem que cause ofensa seja a quem for.

6.º — Que dêmos ênfase aos princípios do Evangelho Eterno e às especiais mensagens de Deus para esta última hora. Pondo de parte assuntos de carácter político, sensacional, especulativo e procurando elevar Cristo como centro de cada sermão e a Sua Vinda iminente como tema da nossa mensagem aos homens.

5

Construção de Capelas

Considerando reconhecermos a urgente necessidade de estabelecer mais capelas nos diferentes campos da Divisão Sudeuropeia; e

Considerando reconhecermos a responsabilidade

que sobre nós pesa de auxiliar o financiamento de uma tão vasta empresa,

Resolvemos aprovar o seguinte plano a pôr em prática em 1948:

Que nós procuremos obter 100.000 dólares, isto é, 2.500 contos, para esse efeito. Para auxiliar a obter esta quantia, procuremos realizar o seguinte:

1) Ultrapassar no máximo os nossos objectivos da Campanha das Missões, de forma a obter 50 % do excesso para o fundo de construções dos nossos campos.

2) Fazer ingressar nesse fundo uma parte das nossas colectas especiais levantadas nas sessões e assembleias, nas reuniões de evangelização e em qualquer reunião que nos pareça propícia.

3) Que colectas regulares sejam tiradas nas nossas igrejas, durante o ano, para esse fundo.

4) Procuremos junto de membros que possam e queiram ajudar na edificação de casas de oração, o seu auxílio valioso para este fim.

Por cada dólar recebido, pedir à Conferência Geral queira dar-nos quantia igual até à verba de 100.000 dólares. Fica entendido que a Divisão procurará dar a cada campo um auxílio igual à importância arranjada para o Fundo de Construções.

NOTA — É de vital importância para nós, Adventistas Portugueses, não esquecer esta resolução. Sabemos de Congregações que já puseram em acção o plano. Pedimos a todos os Obreiros encarregados de Igrejas a que ponham em acção o plano e se orientem por esta resolução e pelo que já foi dito no número anterior desta revista. Há sempre muitas oportunidades. Podem, porém, passar despercebidas, por negligência e esquecimento do Obreiro local.

DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Conferência Portuguesa

RELAÇÃO DAS VENDAS DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1948

Nomes	Horas	Livros			Revistas	Total	Território
		Pedidos	Entregues				
Maria Luísa Saboga	60	—	—	1.500\$00	1.500\$00	Lisboa	
João Pestana	90	—	1.150\$00	—	1.150\$00	Lisboa	
Afonso António	48	650\$00	1.100\$00	—	1.100\$00	Lisboa	
Fernando Henriques	70	—	775\$00	—	775\$00	Lisboa	
Elisa de Jesus	60	—	25\$00	741\$00	766\$00	Ribatejo	
Sidónio e Gouveia	22	1.275\$00	—	—	—	Algarve	
<i>Totais</i>	350	1.925\$00	3.050\$00	2.241\$00	5.291\$00		

O Secretário da Conferência
FERNANDO G. MENDES



Evangelizações

Portalegre — Durante os quinze dias da quadra da Páscoa fizeram-se reuniões de reavivamento na região de Portalegre. A Mensagem entrou em contacto com o seguinte número de almas:

1) Cidade, nos domingos . . .	200	almas
2) Ribeira de Niza	200	»
3) Carris.	180	»
4) Ribeira	80	»
5) S. Julião	80	»
6) Reguengo	200	»
7) Intiqueira	100	»
<i>Total</i>	<i>1.040</i>	<i>»</i>

Estão feitos planos para continuar, em todos estes lugares, a nossa evangelização e estabelecer Congregações, onde ainda as não haja.



Niza — O Irmão J. Grave substituirá o Irmão F. Simões que passou à reforma. Está animado a evangelizar Niza e arredores. A assistência às reuniões tem-se mantido durante anos consecutivos. Não será sinal de qualquer bênção que Deus tem reservada à fidelidade no trabalho?



Porto — Fizeram-se reuniões especiais durante os dias de Páscoa com assistência muito regular. A conferência do Irmão Nunes Branco, no domingo de Páscoa, foi particularmente abençoada numa casa repleta de ouvintes adventos. Estamos determinados a intensificar a evangelização da cidade do Porto, pròpriamente dita.

As nossas forças de colportagem fizeram uma campanha de quinze dias de actividade, com alunos do Seminário, encontrando sempre bom acolhimento e êxito que excedeu toda a expectativa.



Coimbra — Aproveitando a sua viagem ao Porto, passou o fim de semana nesta cidade o Irmão Branco. As reuniões feitas foram prejudicadas pelo mau tempo e falta de jornais fechados nos dias da reunião.



Avintes — A nossa sala de reunião esteve literalmente cheia de ouvintes ardentes aos estudos bíblicos feitos, na tarde de Domingo de Páscoa, pelos Irmãos Dias Gomes, Viegas e Nunes Branco, com prazer dos Adventistas e bastante tristeza do pároco local. Tenha paciência, nem sempre na «mó de cima»!

Algarve — O Irmão Cordas continua a obra de evangelização em Vila Real e Faro e vemos, pela sua correspondência, que está longe de desânimos. Tem sido feita uma campanha de folhetos entre Faro e Vila Real.



Setúbal — A preocupação dos nossos Irmãos é não terem casa suficiente para conter o número de ouvintes. Pedem a edificação de uma capela. Em 1947 baptizaram-se vinte e sete almas e não vinte e quatro como, por lapso, foi anunciado no número anterior. A Sociedade do M. V. passou a casa dos cem!



Os auditórios em Portugal têm sido muito animadores, nos últimos tempos. Os nossos obreiros já estão a criar o hábito de considerar insignificantes os auditórios inferiores à centena. A reunião só é boa quando tem para cima de cem pessoas! O Espírito está à obra. Necessitamos apenas acompanhar com diligentes esforços as almas trazidas às reuniões. É boa reunião aquela que aproximou mais de Jesus o maior número de assistentes.



Açores — Instalou-se em Ponta Delgada o nosso Irmão Miguel e família. O Irmão Lourinho está a instalar-se em Angra do Heroísmo, que passa a ser a Sede da Missão Açoriana. Esperamos que as três famílias de Obreiros continentais empenharão a melhor vontade na evangelização do amável povo açoriano.



Cabo Verde — Circunstâncias especiais obrigaram a mudanças os nossos Obreiros mas, mesmo assim, mantêm os mesmos alvos de 1947 e estão dispostos a empenhar os melhores esforços para os obter.

A Escola de Igreja na Brava teve, no actual ano lectivo, uma inscrição de oitenta e três alunos! É impossível manter tão elevado número de alunos, dados os poucos recursos de espaço, mobiliário e professores. As Escolas de Igreja são uma bênção nas Missões, quando operem no espírito do Mestre.

Nos relatórios do M. V. vê-se a elevada inscrição de jovens.

Baptismos

Levamos ao conhecimento dos nossos confrades, a notícia animadora de terem começado os baptisimos de 1948.

Na Missão de S. Tomé fizeram-se dezassete baptisimos no princípio deste ano. O alvo desta Missão é de cinquenta baptisimos. Notemos que foram os Irmãos de S. Tomé que se propuseram este objectivo. E, pelos vistos, parece que Deus quer dar-lhe êxito na medida da sua boa vontade!

Na Igreja de Lisboa realizaram-se dezoito baptisimos e fazem-se planos para nova sessão baptisimal em breve.

No continente, em todas as Igrejas, esperam melhoria de tempo para proceder a este acto solene.

Ouvimos dizer que, em Setúbal, os Irmãos trabalham de forma a obter os seus baptisimos-objectivo, logo na primeira sessão. E são capazes disso!

Mas não pense nenhum leitor que isto se obtenha sem muito trabalho, muito espírito de oração e muita despesa.

Casamentos

Realizaram-se em Lisboa dois simpáticos casamentos, no dia 2 de Maio.

A nossa jovem Irmã Maria Helena Soares conserciou-se com o simpático e muito trabalhador Irmão João Beato. Quiseram honrar Deus e a Igreja fazendo os seus votos no templo da Rua de Joaquim Bonifácio. Houve grande concurso de assistentes e o coro imprimiu solenidade à cerimónia, que decorreu na melhor ordem e numa atmosfera de espiritualidade. Tivemos o prazer de ver no nosso meio membros das duas famílias que, não sendo ainda membros da Igreja, são nossos sinceros amigos.

Também se conserciou no mesmo dia e à mesma hora a nossa muito simpática jovem Maria Alice Alves. Tanto ela como o seu noivo são muito estimados no nosso meio. Só não se fez o casamento na Igreja por não terem podido até hoje baptizar-se. Esperamos, porém, que não demore muito esse dia.

Deus abençõe estes quatro jovens cristãos!

Descansa dos seus trabalhos...

Nos fins de Abril faleceu a mãe do nosso prezado Irmão Eduardo de Sousa, diácono da Congregação de Lisboa. Como todos os que, em vida e saúde, se reconciliam com Deus e o Seu Evangelho, podemos ter viva esperança de encontrarmos na vida eterna a nossa prezada morta.

CONGRESSO DA JUVENTUDE

Continuamos a planear a sua realização, em Portalegre, para o mês de Julho. A data ainda não a podemos fixar, pois depende dos nossos visitantes da Suíça e da América.

Serão bem-vindos e acolhidos os Jovens e todo e qualquer Irmão e Irmã que deseje confraternizar com a nossa mocidade.

Qualquer informação pode ser pedida à Direcção da União ou à Direcção do Seminário.

DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Conferência Portuguesa

RELAÇÃO DAS VENDAS DO MÊS DE MARÇO DE 1948

Nomes	Horas	Livros		Revistas	Total	Território
		Pedidos	Entregues			
Maria Luísa Saboga	70	—	—	1.900\$00	1.900\$00	Lisboa
Ney e Aguinaldo	109	2.575\$00	2.025\$00	—	2.025\$00	Santarém
Seminaristas	125	2.525\$00	1.810\$00	—	1.810\$00	Porto
Henrique e Nascimento	100	2.100\$00	1.700\$00	—	1.700\$00	Porto
Gouveia e Sidónio	106	525\$00	1.450\$00	—	1.450\$00	Algarve
Idalina Ferreira	100	—	—	1.300\$00	1.300\$00	Coimbra
Afonso António	54	825\$00	585\$00	—	585\$00	Lisboa
<i>Totais</i>	664	8.550\$00	7.570\$00	3.200\$00	10.770\$00	

O Secretário da Conferência

FERNANDO G. MENDES

Senhor Director

Nos termos da Lei, vimos pedir que sejam rectificadas os seguintes dizeres no artigo de A. Veloso, sobre «Adventismo Avariado», na «Brotéria» de Fevereiro p. p.:

1 — «Sabemos de infelizes sacerdotes católicos que, infiéis aos solenes compromissos tomados no dia da sua ordenação, se amasiaram, como puderam, e assim se fizeram... adventistas»;

2 — «Dizem-nos, mesmo, que alguns comunistas militantes se andam por toda a parte a fazer adventistas, para assim, à sombra da liberdade religiosa, minarem, impunemente, a alma das nações católicas».

Ambas estas afirmações são destituídas da mínima parcela de verdade, revelam uma intenção perseguidora, causando-nos um grave prejuízo moral e, acima de tudo, caluniam-nos.

De forma particular diremos que, se sabem de sacerdotes católicos vindos para a Igreja Adventista, sabem também as condições do seu estado social e que nenhum deles saiu da Igreja de Roma por estar amasiado nem, tão pouco, nesse estado poderiam ser admitidos no grémio adventista.

Quanto ao segundo ponto, embora as portas da Igreja Adventista estejam amplamente abertas a todos os indivíduos sem distinção de credos políticos, foram falsamente informados e deveriam tomar as maiores precauções em casos destes para não repetir afirmações caluniosas, contrárias ao espírito e aos interesses espirituais de uma Igreja cristã. Na Igreja Adventista portuguesa é proibido, pela letra dos regulamentos, aos Ministros exercer qualquer actividade política e aos seus membros, todos em pleno direito civil e político, é aconselhado abster-se da política. Aprendemos das Sagradas Escrituras e da História os males causados às nações e às próprias igrejas e ordens religiosas pelas actividades políticas dos seus ministros e membros. Nada queremos, pois, com a política nacional ou internacional. Cumprimos o conselho apostólico, divinamente inspirado, em Romanos 13:1-7. Nenhum membro das Igrejas Adventistas, em qualquer país do mundo, exerce actividades revolucionárias subversivas, contrárias à letra e ao espírito do Evangelho de Cristo, a nossa única constituição religiosa.

Queira, pois, fazer a respectiva correcção às duas falsas declarações do seu articulista.

Em nome da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia e nos termos dos nossos Estatutos legais

○ Director — Pastor A. DIAS GOMES

○ Secretário — Pastor A. F. RAPOSO

Lisboa, 26 de Abril de 1948.

Ex.^{mo} Sr. Director da

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

NA

EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LIMITADA

Rua de António Maria Cardoso — LISBOA

Senhor Director

Há dias, encontrei numa das nossas instituições adventistas portuguesas, a vossa Enciclopédia; com natural curiosidade, procurei a palavra ADVENTISTAS, no Vol. 1, pág. 441 e fiquei espantado com tanta inexactidão! São mais os erros do que as verdades!

Concordemos que o Sr. Director não tem culpa directa e até se torna digno de lástima se pagou ao seu colaborador tanto erro. Bem deveria V. Ex.^a, no entanto, certificar-se, tanto quanto possível, da exactidão das informações e definições que possam afectar a alma e as actividades sociais das agremiações com representantes numerosos em Portugal e no Brasil. Em vez de se limitar a transcrever o que passou pela cabeça do seu colaborador, poderia V. Ex.^a ter-se dirigido a esta sua casa onde, com muito gosto, lhe dariam informes documentados.

Em face do que lemos sobre ADVENTISTAS, quem poderá evitar a mais espessa dúvida sobre tudo quanto a vossa Enciclopédia diga acerca de assuntos que nos sejam menos familiares do que a origem e desenvolvimento da Igreja Adventista?

Caso V. Ex.^a não queira que este nosso justificado reparo tenha a publicidade exigida pela verdade dos factos, muito agradecerá se tiver a bondade de me dizer como obtiveram tão «peregrinos» esclarecimentos.

Com o máximo respeito, vosso leitor cuidadoso, em nome da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

A. DIAS GOMES, pastor pela g. de D.

Para
o arquivo
da
nossa
correspondência

mais
duas
cartas